



Biblioteca

A VERDADE

VERITAS LIBERABIT VOS (S. João 8, 32.....)

CARITAS CONGAUDET VERITATI (1. Cor. 13, 6.)

Acceptam-se artigos de Colaboração, que poderão ser dirigidos ao gerente
JACINTHO SIMAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
POR SEMESTRE
Capital 3\$000 — Exterior. 3\$500
PUBLICAÇÃO SEMANAL PAGAMENTO ADIANTADO

CALENDRARIO

- 14 de Dezembro: 3º domingo do Advento.
- 15 Segunda-feira: S. Ireneo martyr.
- 16 Terça-feira: S. Eusebio bispo e martyr, S. Adelaide imperatriz.
- 17 Quarta-feira: S. Viviana virgem.
- 18 Quinta-feira: Expectação do Parto da Ss. Virgem.
- 19 Sexta-feira: Santa Faustina viuva.
- 20 Sabbado: Vigilia de S. Thomé.

Evangelho do terceiro domingo do Advento

Naquelle tempo, os Judeos enviaram de Jerusalem sacerdotes e levitas a João que lhe perguntassém: «Quem és tu?» E elle confessou e não negou, e confessou: «Eu não sou o Christo.» E perguntaram-lhe: Então quem? és Elias? «E disse; Não sou. «E's tu propheta?» E respondeu: Não.» Disseram-lhe pois: Quem és? para respondermos aos que nos enviaram. Que dizes de ti mesmo? «Sou, disse elle, a voz do que clama no deserto: Prepara o caminho do Senhor, como disse o propheta Isaias.» Ora os enviados eram dos phariseus.

E perguntaram-lhe e disseram: «Porque pois baptizas, si tu não és o Christo nem Elias, nem propheta?» João lhes respondeu; dizendo: Eu baptizo com agua, mas no meio de vós está aquelle a quem não conheceis. Este é o que virá após mim e já era antes de mim, do qual eu não sou digno de desatar a correa de seos sapatos.» Passou-se isto em Bethania além do Jordão, onde João baptisava.

Explicação: Havia-se espalhado até Jerusalem, capital da Judea, a noticia de que um homem extraordinario prégava a penitencia nas margens do Jordão.

Diziam uns que era um antigo propheta e outros que era o proprio Messias. Para saberem o que acreditar-se destes boatos foi que os Judeos enviaram uma deputação a S. João Baptista. Primeiro perguntam os enviados, si João era o Redemptor promettido, porém elle declarou modesta e simplesmente que não era o Messias. Imitemos a S. João, digamos sempre a verdade, fallemos de nós com modestia e humildade, não procurando parecer mais do que somos.

Em seguida os enviados perguntam; «E's Elias?» Este famoso propheta, que viveu novecentos e sete annos antes de Jesus Christo, não soffreu a morte como os outros homens; foi arrebatado ao céu n'um carro de fogo e deve voltar á terra antes do fim dos tempos para converter os homens e preparal-os para a ultima vinda do Salvador.

João negou que era propheta, porque o ministerio dos prophetas, consistia em annunciar de longe o Messias que devia vir, porém o d'elle era mostrar aos Judeos o Messias presente no meio d'elles. Annunciar o que existe não é prophetisar.

Mas quando os enviados ainda mais o sollicitaram afim de confessar que era, João fallou com profunda humildade de si mesmo, declarando que não era senão o indigno precursor do Messias a quem o propheta Isaias tinha predito ha setecentos annos.

O baptismo de João era uma cerimonia religiosa que não dava a remissão dos peccados, porém dispunha para ella pela penitencia que o devia acompanhar e que vinha a ser a disposição proxima para o baptismo de Jesus.

Pratiquemos a humildade a exemplo de João Baptista, esta virtude tão necessaria, tão indispensavel que sem ella é impossivel conseguir-se a salvação.

Desterrae, Senhor, do meu coração toda inveja, ciume e soberba, dae-me a humildade, sem a qual não posso agradarvos, dae-me esta humildade e serei grande aos vossos olhos e digno de reinar eternamente convosco.

O ADVENTO

Advento vem de uma palavra latina (adventus) que significa vinda. Chama-se advento o tempo de quatro semanas que precedem a festa do Natal. Começa com o advento o anno ecclesiastico, e, pois que este representa na realidade a historia do mundo todo governado pela Providencia, o tempo do advento deve representar as mais antigas épocas desta historia. Effectivamente, os quatro domingos do advento exprimem os quatro mil annos durante os quaes suspiravam pelo Messias os judeus e os gentios.

Mas depois dos quatro mil annos que separaram a queda original do nascimento reparador do Salvador, viu-se de subito realizarem-se grandes revoluções no mundo. Um poderoso rei effectuou a sua vinda n'um presepio e não sahia deste glorioso presepio senão para conquistar todos os reinos da terra. Segunda vinda se seguia á primeira. Este rei victorioso fez ainda mais conquistas nas almas, entrou n'ellas como vencedor chamado pelo amor e fez entrar comsigo todos os dons celestes. E' o que vemos ainda todos os dias. Porém estas duas vindas não bastam áquelle triumphador, e promette-nos terceira em

que não ha de vir a nós com a humildade do presepio nem com a doçura das suas effusões nas almas fieis, mas em que ha de apparecer como juiz para fazer a grande e solemne separação de bons e maus. São estes tres mysterios os que se celebram no advento.

Todo espirito da liturgia durante o advento parece estar resumido nestas palavras que os justos da antiga lei pronunciaram tantas vezes com lagrimas: «Céos, derramai vosso orvalho, e gere a terra o Salvador.» E com esperanza alegre reza a Igreja: As montanhas e as collinas saltarão diante de Deus e todas as florestas exultarão, porque o Senhor virá tomar posse do reino eterno. O Senhor vai chegar; ide ao encontro d'elle e dizei-lhe: Eis ahí o principio do mundo, eis ahí Aquelle cujo reinado não terá fim; é o Deus forte, é o dominador, o príncipe da paz.»

Dest'arte o advento é, segundo o espirito da Igreja, um tempo de penitencia e expectação. Por isso ella começa o advento com as palavras do Apostolo: «Meus irmãos, é chegada a hora de despertarmos do nosso adormecimento, pois estamos proximos da nossa salvação. A noite vai já muito alta, e appproxima-se o dia. Deixemos pois as obras de trevas e revistamo-nos das armas da luz, caminhemos com decencia e honestidade.» Nas Missas dos domingos a Igreja veste os seus ornamentos roxos em signal de tristeza e omitta os canticos de alegria, o Gloria in excelsis. No evangelho do primeiro domingo do advento a Igreja recorda-nos o juizo final e nos evangelhos dos outros domingos nos apresenta o grande prégador da penitencia, S. João Baptista.

E' nosso dever unirmo-nos em intenção ao espirito da Igreja. Por certo o Christo não tornará a nascer em Belem, mas os nossos suspiros devem pedir a sua vinda ao nosso coração; nisto nos achamos quasi semelhantes aos patriarchas e justos do antigo Testamento, que esperavam a sua vinda á terra. Ha para este Deus ainda mais humildade em descer ás nossas almas do que ao estabulo de Belem: preparemos-lhe comtudo uma morada mais hospitaleira no nosso coração, purificado pela penitencia e ornado de virtudes, para finalmente chegarmos, depois de uma viagem mais ou menos longa, á morada eternamente alegre deste Deus, a quem então como hoje poderemos saudar com estas palavras: O Senhor chegou alfim, eis o principio do mundo, eis aquelle cujo reinado não terá fim, é o Deus forte que nos salvou, é o

dominador eterno das nossas almas, o príncipe da paz, que nos dá esta paz em dote.

Necessidade da religião

O homem é religioso por natureza, considerando-se este sentimento de um modo abstracto. Pois, não ha ninguém, nem mesmo o selvagem, que não tenha a ideia de que acima de si existe um Ente que tudo creou, que tudo pode, que tudo rege, — Deus.

No concerto, isto é no modo de manifestar-se o sentimento religioso na sociedade, temos as religiões, das quaes a unica verdadeira é a—catholica, attentos os divinos attributos inherentes á Egreja fundada por Christo Senhor Nosso, em torno da qual se reúnem seus crentes em comunidade. As outras Egrejas, obra dos homens, participão dos vicios, erros e defeitos dos seus autores não tendo, portanto, o mesmo cunho de verdade.

A influencia da religião na sociedade é das mais suaves e benéficas possíveis—A religião é tão necessaria e salutar nos corpos sociaes que, se não existisse, fóra preciso que se a inventasse, porquanto ella proscreeve com a sua sanção moral todos os actos attentatorios dos direitos de outrem, ensinando a respeito-os.

As mais das vezes, o que torna-se difficil conseguir por meio da sanção penal das leis, obtem-se com a simples prescripção da religião; d'onde se infere a sua força extraordinaria, efficaz e decisiva na sociedade: Ella crêa bons paes, bons filhos, bons irmãos, bons esposos, bons amigos e portanto bons cidadãos.

A influencia da religião na politica é de uma verdade indiscutivel, porque sem moralidade não ha governo possivel e sem religião não ha moralidade.

Alguns pensão que a religião é contraria á forma do governo das republicas —Não ha tal; não só a republica não é avessa á religião como esta não é infensa áquella. Ao contrario, a republica se assenta nos sentimentos de liberdade, igualdade e fraternidade que o homem indelevelmente tem gravado em sua natureza, e que foram ensinados de um modo expressivo pelo fundador da Egreja Catholica e pelos seus santos apóstolos.

Quem mais desassombradamente pregou a liberdade dos povos, incorrendo por isso na ira dos tyrannos!

No tempo em que o mundo estava mergulhado no vicio e em que o civismo da antiguidade pagã achava-se sepultada n' um abysmo insondavel, um novo vislumbre de esperanza appareceu no Oriente á humanidade, que tinha necessidade de liberdade. As declarações dos prophetas, as advinhações dos crentes, os presentimentos dos poétas e dos sabios, tudo annunciava a vinda de um Salvador, que abriria uma éra de liberdade para todos os povos da terra. Igualmente com a liberdade pregou Jesus a igualdade e a fraternidade humanas. Sobre a legide forte destes trez principios, que se poderião chamar trez lemmas divinos acha-se edificada a republica, que não é, portanto,

contraria a religião e nem esta poderá nunca lhe ser hostil. Nas republicas mais do que nas monarchias torna-se necessario o sentimento religioso—Os republicanos são em geral hostis a todo sentimento religioso.

Um espirito altamente republicano, conhecido em toda a França e quiçá em todo o mundo, o Sr. De Tracy, resumio a sua opinião a respeito, do seguinte modo: «Quanto menos as ideias religiosas tem força em um paiz, mais esse paiz é feliz, virtuoso, livre, e pacifico.» Em contraposição a semelhante herezia, diz-nos insigne mestre, insuspeito, porque não é orthodoxo: «Os factos demonstram que semelhante modo de pensar contem um manifesto e perigoso erro.

A força dos Estados Unidos vem do espirito profundamente religioso dos puritanos.—Este espirito presidio ao nascimento da republica e a tem conservado no seu desenvolvimento progressivo.

A Suissa é um dos paizes da Europa onde o sentimento religioso está mais espalhado e desenvolvido. Pretende-se que a moral seja independente da religião na pratica, ao menos, ellas são inseparaveis, porque não é senão pelo ministro do culto que o povo recebe ideias da moral. Procurai: quem haverá nas Parochias que ensine o dever com aquella autoridade que dá alguma efficacia á palavra?

Sem costumes não ha liberdade e sem religião não ha costumes.

Desde os tempos mais remotos eis o que nos ensina a historia.»

Com relação aos governados, pois, a religião é o primeiro elemento de ordem, de paz e de respeito. Com relação á pessoas dos que governão, podemos affirmar e o provaremos com factos historicos, que todos aquelles que tem dirigido a sociedade pela lei do bem, nunca saem mal succedidos, por isso que é o bem que quer e ensina a querer o Evangelho de Jesus.

W. DE V.

Como fomos recebidos

Os nossos collegas *O Dia*, *Republica*, *O Estado* e *Mercantil*, receberam-nos com palavras de animação dando-nos a honra de transcreverem o nosso artigo-programma.

Gratissimos a essa gentileza, saberemos manter com os referidos collegas as mais amistosas relações de cordialidade.

ELEIÇÃO

Realizou-se no dia 7 do corrente a eleição para um deputado estadual, sendo candidato o sr. Victor Alves de Britto.

Tambem procedeu-se á eleição para conselheiros e juizes de paz, em todos os municipios do Estado.

Congratulamo-nos com os novos eleitos.

A VERDADE

Não foi, apesar dos esforços que empregamos, feita com regularidade a distribuição do nosso 1º nº. Pedimos, por isso, desculpa aos nossos bondosos assignantes.

O poder da Imprensa

E' admittido por todos, como irresistivel, o poder da imprensa e, por outro lado, a necessidade em que toda a pessoa que sabe ler, se acha do jornal, causa de muito maior ou fonte fecunda de muitissimo bem, conforme os principios porque se interessa.

O jornal em nosso tempo leva vantagem ao prestigio e á importancia da tribuna e reduz de muito o interesse de que, nas éras passadas, gozavam os livros.

O discurso obriga a quem quer ouvir-o deixar os commodos de sua casa para comparecer no lugar da reunião: o jornal, pelo contrario, companheiro desinteressado, segue-nos por toda a parte, vem nos procurar na nossa mesma residencia, no negocio, no botequim; sem exigencias, mette-se nos bolsos: contenta-se dos mais pequenos retalhos de tempo; é um tentador o mais paciente que á força de insistir alcança fazer-se amar, se tornar necessario e por fim nos convence.

O livro, mais ou menos volumoso, occupa espaço, exige horas e horas de tempo, preparo intellectual sobre a materia de que trata, despeza para adquiril-o. O jornal, como o ar que não toma espaço, nos acompanha sem nos encommodar; trata as cousas aos bocados, em pilulas, muito ao geito de quem dispõe de poucos instantes para ler; offerece agradável e interessante materia para toda a classe de leitores, para letrados e menos lidos, para o pensador e o superficial, não excluida a grave e sisuda senhora e a senhorita avida de novidades.

O orador mais insigne que, qual torrente, derrama o verbo inflamado, tratando os mais momentosos assumptos, levando a convicção e o enthusiasmo a seus ouvintes que o admiram e victoriam, vê a efficacia de sua eloquencia limitada ao numero dos presentes, emquanto o jornal não conhece distancias. O vapor e o telegrapho estão a seu serviço; o seu auditorio é uma cidade, uma nação e ás vezes o mundo inteiro.

Muitas intelligencias, sem o preciso preparo para ler com proveito um livro ou para seguir as logicas argumentações de um distincto orador, comprehendem o jornal e quasi sempre acham nelle uma ideia, uma phrase de que depois sabem fazer uso na pratica e na conversação quotidiana.

Não ha negal-o, o jornal é hoje uma potencia, um propulsor irresistivel que leva tudo de vencida ou para o bem ou para o mal, conforme os ideaes que o animam e os principios que sustenta.

Nesta nobre arena, pois, vem *A Verdade* tomar seu lugar com o fim de defender os direitos de Deus sobre os individuos, sobre a familia e sobre a humanidade, convencida da santidade da causa que defende. Ella espera, por parte de seus confrades, que nunca se desentessaram da religião por quanto lh'o permittia seu programma, que lhe façam benigno e sympathico acolhimento.

Os pais de familia não tenham receio de abrir ao modesto orgam catholico as portas de sua casa e admittil-o na intimidade de seu lar como um sincero amigo que vem lhes despertar a lembrança de deveres

talvez, esquecidos e lhes facilitar os meios para conservar e desenvolver no seio da família a moralidade e espirito religioso de que procedem as mais puras satisfações de um alma immortal.

A benemerita conferencia de S. José, de S. Vicente de Paulo, desta cidade a cuja iniciativa se deve o surgir deste hebdomadario, ha de envidar todos os esforços para que elle se torne cada vez mais interessante e satisfaça ás justas aspirações dos catholicos que, ha tempo, desejavam seu apparecimento.

Por seu lado, não ha duvida, que os catholicos não deixarão de o amparar com sua protecção e de o animar com suas sympathias, não platonicas sómente, mas reaes e affectuosas, tomando e pagando pontualmente o modico preço de suas assignaturas de que depende o futuro da folha. Deste modo poderá ella augmentar seu formato e desenvolver suas secções de maneira a tornar-se procurada até daquelles que, infelizmente, não dão á religião a importancia que ella tem e deve ter na família e na sociedade.

Se tal se conseguir, todos que collaboram na redacção do periodico dar-se-ão por exuberantemente recompensados de seus trabalhos, na convicção de assim cooperar numa obra santa e, ao mesmo tempo, altamente patriótica.

X.

— « » —

A PRECE DO BARDO

O' Rainha dos Prophetas!
O' Rainha dos poetas!
Pelo triste bardo pede!
Tu és Mãe; eu sou teu filho:
Olha p'ra mim neste exílio,
Por mim, Senhora, intercede!

Tu, que és Filha de Deus Padre;
Tu, que és de Deus Filho Madre
E Sposa do Esp'rito Santo;
A' Santissima Trindade
Leva a oração e a humildade
Que Lhe envio neste canto!

O demonio, a carne, o mundo,
Lançaram minh'alma ao fundo
Abysmo de mil horrores!...
A Ti, Senhora, recorro!
Quem mais prestará soccorro
Senão quem sentiu mais dores?

A Ti recorro, ó Maria!
Por ser de maior valia
O teu empenho selecto!
Tu és Mãe, das mães modelo!
Quem tem mais cuidado e zelo?
Quem tem mais piedoso affecto?

A. P.

(Do «Sul-Americano»)

— « » —

Imposto urbano

Durante o mez corrente paga-se o imposto urbano relativo ao 2º semestre deste anno.

Os srs. proprietarios para não serem onerados com a multa de 10 % no 1º mez e mais 5 % pelo que decorrer até o espaço adicional, deverão satisfazer aquelle imposto até 31 do corrente.

As consequencias das escolas sem religião na França

O celebre marechal Wellington disse um dia no parlamento inglez: «Eu não sou professor, porem sei isto: si não admittirdes no ensino das escolas um bom quinhão de religião, o mundo se tornará mais rico de muitos demonios habeis.»

A verdade desta palavra confirma-se actualmente na França.

Pela lei de 28 de Março de 1882 sob o ministerio de Jules Ferry foi introduzido nas escolas publicas em lugar do ensino da religião o ensino da moral civil. «E' a moral eterna, disse o então ministro do culto, é aquella moral velha que não depende d'esta ou d'aquella fé religiosa, mas que está escripta no coração de cada homem.» Logo, uma moral sem religião, sem Deus!—Mas não vem a ser o mesmo que um sobrado sem casa terrea?—Naturalmente appareceram muitos cathecismos desta moral civil, dos quaes os mais conhecidos são os de Paul Bert, Gabriel Compayre, Pierre Laloí, Louis, Louis Lizard e Alfredo Moulet. Por fundamento da moral estes livros não têm a fé em Deus e na immortalidade da alma, porém o respeito da vida, da saude, da honra, da dignidade humana etc.

E quaes são as consequencias de tal educação! No anno de 1886, quatro annos depois da dita lei que introduzia a moral civil nas escolas publicas, foram condemnados pelos tribunaes 23.000 menores.

No anno de 1887 este numero subia a mais de 28.000. Naquelle tempo o «Univers» escreveu: «Em Paris a corrupção da mocidade educada nas escolas publicas é terrivel. Torpezas desconhecidas ha dez annos são agora communs. Desde dois ou tres annos o numero dos criminosos menores se tem triplicado.» Ao mesmo tempo disse o juiz Bonjeau: «A França aproxima-se do abysmo, e a causa principal da corrupção é a educação sem religião.» Mesmo o protestante Buisson, que durante vinte annos tinha trabalhado em favor da moral civil, confessou, vendo os fructos deste systema; «A bancarrota moral é geral e as estatisticas dos criminosos são uma prova evidente para os effeitos corruptiveis das escolas sem religião.»

Desde a quelle tempo este mal ainda augmentou-se, como Nicolao Kaufmam prova no seu bello livro «A moral christã e a moderna ethica atheistica.» Anno por anno, diz elle, comparecem perante os tribunaes 30.000 menores dos quaes dez por cento foram educados nas escolas christãs e noventa por cento nas escolas publicas.

Melhor do que todas as explicações, exhibe a educação sem Deus uma scena que se deu ha pouco tempo perante um jury francez: No banco dos accusados está sentado um moço de 18 annos, Emile Sandot. O presidente lhe diz: «Sandot, assassinaste a Rosina Menil a fim de roubar-lhe dois francos. Si tivesses sabido que ella tinha tão pouco, não a terias matado certamente.» O moço criminoso responde: Porque não? O que me importa a vida de um homem? Trabalho por qualquer premio.

«O presidente: Con fessas tudo de que estás accusado?»

«Sim, diz Sandot, confesso tudo e rieme disto.»

Em seguida o advogado Saint Appert toma a palavra e diz: «Reparo aqui a imagem de Crucifixo. Está aqui na sala de jury onde vós julgais os criminosos. Mas porque não se acha nas escolas onde educais as crianças? Porque o Crucifixo foi mostrado a Sandot pela primeira vez quando já era criminoso? Si lhe tivessem mostrado o Crucifixo quando ainda estava nos bancos da escola, não o encontraríamos nos bancos da ignominia. Quem foi que disse a Sandot: Ha um Deus, ha uma justiça eterna? Quem lhe ensinou o mandamento divino: Não matarás? Sois vós, senhores, a quem eu accuso vós que fizestes esta lei das escolas sem religião, vós que fallais da civilisação e ao mesmo tempo sois barbaros, vós que espalhais entre o povo a descrença e ao mesmo tempo vos admirais de que o povo vos corresponda com crimes e barbaridades.»

Agora o governo da França, cego pelo odio contra a religião, quer acabar, como parece, com todas as escolas christãs, que ainda eram a unica antemuralha contra os fructos perniciosos das escolas sem Deus.

O fim será a ruina da França.

— « » —

ACTOS RELIGIOSOS

No domingo: festa de N. S. da Conceição na Matriz. Missas ás 6 e 7 1/2 horas. Missa solemne com sermão ás 10 1/2. Coroação de N. S. da Conceição ás 6 horas da tarde.

Benzimento da nova Cruz para a capella do Parto, ao meio dia.

— « » —

Em data de 21 de julho do corrente anno, foi aggregada á Sociedade de S. Vicente de Paulo, em Paris, a Conferencia de S. José desta capital.

Tem a data de 24 do mesmo mez a communicação official, que foi collocada no logar de honra da sala de sessões d'aquella conferencia, competentemente emmoldurada.

Testemunhou-se assim a viva satisfação que se sentio, recebendo a Carta de Aggregação, que constitue uma recompensa e um estimulo.

— « » —

S. JOSÉ

A conferencia de S. Vicente de Paulo, que funciona na vizinha cidade de S. José, sob a denominação de Nossa Senhora da Gloria, transferiu por motivo de força maior sua assembléa geral para o dia de Natal.

— « » —

UM PROBLEMA

Por sobre os lares nuvens negras se adensam, interceptando a luz e derramando a tristeza, o desalento, o desespero talvez. O coração das mães, sacrario purissimo de affectos quintessenciados na ternura, sangra sob o guante de ferro da incerteza de amanhã. A vida corre tumultuária, balouçada na duvida, erma de esperanças, balda de confortos.

Nos berços que pipilam, e onde dormitam chrysalidas de amôr, aninham-se viboras á espreita de um descuido, para envenenarem os seresinhos acalentados aos afagos maternos.

Sobre os labios nem sempre floream sorrisos.

Ha ahí uma sombra, um não sei que de inexprimível.

Conturba-se o espirito; e os olhos vão mergulhar espavoridos na tréva do futuro.

Não é completa a alegria; não é exoptanea. E' forçada. Sente-se irromper violentamente de sob montões de atabafadas angustias.

E não mente o coração das mãis. E não é infundado todo esse pavor. Accentúa-se a tristeza, tomam vulto as apprehensões.

E' que o ambiente, morno e pesado, invade a tranquillidade dos lares denunciando symptomas de um morbus terrível.

Jesus, o fundadôr da familia, o creador do lar, o terno e carinhoso companheiro das creanças, a pouco e pouco vai-se afastando porque lhe dizem que o não querem mais.

Porfiam tenazmente em cercear sua acção divina, para darem á iniquidade toda a larga influencia sobre os destinos da familia, sobre a formação do character, sobre a educação emfim.

E Elle vai-se tristemente, melancolicamente.

E quando desaparece, fica um vacuo povoado de horrôres. Sente-se uma falta immensa que cousa alguma pôde preencher.

D'ahi esses longos silencias, essas agonias lentas.

Lá fóra porem tripudiam os sycophantas. Rejubilam-se na victoria alcançada, brindando á morte que suplantou a vida.

Multiplicam-se os agentes do mal. A corrupção quer tudo avassalar.

Foi preciso primeiro expulsar Jesus.

Seo nome, balbuciado pelos labios innocentes da creança, vai-se tornando mais raro até que o esquecimento o apágue.

A préce, feita todas as manhãs e todas as noites, mãos postas e joelhos dobrados sobre os pequeninos leitos, vai cahindo em desuso.

Uma meia sciencia aprégôa que isso nada valia. Melhor fóra dar uma hygiene vigorosa áquelles organismos e deixar que a carne nedia ostentasse sua belleza brutal.

O espirito, esse vai vegetando atrophiado e doentio, receptaculo de duvidas, ironias e indifferenças.

Foi dito que a religião entorpece as intelligencias, e enche os corações de temôres e sobresaltos.

Permittio-se que o ensino da moral christã fôsse considerado uma velharia, e o decalogo uma creação fantastica.

As esperanças todas foram confinar nos horisontes terrestres, produzindo uma chusma de ambições que augmentam de dia para dia.

E' negro o quadro. Ha nelle entretanto realidade capaz de abater profundamente o espirito mais calmo e mais depreocupado, muito embora não cogite em pro-

curar oppôr uma barreira a essa torrente devastadôra.

Todos nós, quando observamos o que se desenróla ante nossos olhos, temos a alma obsedada pela visão funesta desse espectro.

E todos nós agitamo-nos convulsos deante dessa sombra, peor que a de Banquo no banquete de Machbet.

Comprehendemos então que é isso o magno e capital problema, cuja solução não é outra senão—Jesus.

— « » —

Empregados no Commercio

Reunem-se hoje á 1 hora da tarde, na séde social, os socios do «Gremio I. e B. dos Empregados no Commercio», afim de elegerem a sua nova directoria.

— « » —

BIBLIOTHECA

No intuito de concorrer para o desenvolvimento moral e intellectual dos seus associados e dos pobres a quem visita, resolveu a Conferencia de S. José, por iniciativa de seu digno e esforçado presidente, a creação de um bibliotheca.

Em boa hora surgiu essa idéa, porquanto não tem faltado o concurso dos nossos presados confrades e mesmo de pessoas extranhas á Conferencia, que, em continuas remessas de livros e jornaes, demonstram a importancia e a proficuidade de tal tentamen.

A Conferencia recebe, com profundo agradecimento, qualquer offerta que se destine a augmentar o numero de seus livros e jornaes.

— « » —

AS TRES VISTUDES IRMÃS

A fé é o abraço; a esperanza é o sorriso; a caridade é o beijo; a fé prende o nosso espirito, a esperanza chama-o com os mais doces attractivas e a caridade alimenta a prisão com sua voz melliflua, que encanta nossa alma!...

REBELLO DA SILVA

Quando, na primitiva Grecia, a mythologia predominava com o seu cortejo de lendas e symbolos, constituindo o immenso conjuncto de fados, sylphos, herôes, semideuzes, e outras divindades que enchiam o Olympo; o Paganismo tambem erguia altarer, nos templos de Cupido e Venus, ás tres formosas nymphas, que eram conhecidas pelo nome das—Tres Graças.

Filhas do amor, e amando-se mutuamente, ellas viviam entrelaçadas em perpetuo e doce amplexo, disfructando o condão de eterna juventude, e exhalando em torno de si amenidade e prazer.

Eram o typo da belleza e da seducção quantos viam-n'as difficilmente se podiam furtar á acção magnetica de seus innumerados atrativos; traziam o collo a descoberto, e deixavam entrever a epiderme do corpo, que alabastrino, semelhava-se ao da primeira mulher ao sahir das mãos do Creador; tinham nos olhos o brilho scintillante das estrellas, e, nas faces, o matriz rubro e avelludado das petalas da rosa...

Decorreram seculos; e o christianismo

projectára o seu clarão luminoso por sobre a face da terra, e derrocando os idolos do paganismo, dissipára os negrumes que empanavam a limpidez da consciencia humana, occasionados por seus erros, absurdos e superstições, e substituirá-os pela sã doutrina do Evangelho, emanada dos labios purissimos do Salvador.

Como, porém, a creatura para attingir á meta de sua missão n'este mundo, necessita: confiar, esperar e amar, porque esses são os pontos cardeaes da peregrinação terrena, o Christianismo, afim de satisfazer essa necessidade do coração humano creára tres virtudes irmãs, que sendo o fundamento da religião de Christo, são igualmente filhas do amor, «não desse amor cego e inconstante, festejado por Anacreonte e Sapho, que entre multas nasceu em Chypre, e com o primeiro beijo se fenece, mas de outro amor de mais excelsa origem, saraphim ardentissimo, que prende o homem com a humanidade, a humanidade com a paciencia e a paciencia com o céo.» (*)

Ellas são radiantes como estrellas de primeira grandeza, que refulgem no horisonte de nossa vida, constituem um agigantado triangulo, que tem o seu vertice no céo, e a base na terra, e no qual divisam-se, no pinaculo, a cruz e o calice do sacrificio, no lado direito uma ancora, e do opposto, um coração em chammas; são os symbolos das tres virtudes theologaes: fé, esperanza e caridade.

E' sob a égide benefica e poderosa dessa trindade mysteriosa e sublime, que a humanidade consegue atravessar as tempestades e escolhos da vida, e incolume chega ao porto do Salvamento.

SERGIO NOSLASCO

(*) Antonio Feliciano de Castilho.

— « » —

O MILAGRE DO SANGUE DE S. JANUARIO

Em Napoles, todos os annos, a 4 de Maio e a 19 de Setembro, dias do martyrio e transladação do santo mostra-se ao povo do S. martyr Januario († 305) e um vidro que contem sangue do mesmo santo, e todos annos repete-se o mesmo milagre: o sangue, que está coagulado dentro do vidro, torna-se liquido, quando se approxima do craneo do Santo. Grande multidão vai todos os annos naquella dia á cathedral para ver este milagre que se effectua na presença de todos.

Muitos naturalistas, entre elles protestantes, concedem que é um verdadeiro milagre, ainda que cada catholico tenha plena liberdade de crêr ou não crêr neste milagre, pois a Igreja deixa isto ao livre juizo de cada um.

Alguns jornaes que, por forma alguma, querem admittir milagres escreveram ultimamente que com o sangue do santo estão misturados certos oleos que se coalham com o calor de 8 graos, e que por conseguinte é pelo contacto das mãos que se faz o milagre. Si fosse assim, seria muito natural a liquefacção do sangue, porem então o calho do sangue seria ainda um milagre maior, sendo a temperatura media do anno, em Napoles, de 16 graos.

Iniquitas mentida est sibi.